Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita

Maria Bernadete Marques Abaurre
Maria Laura T. Mayrink-Sabinson
Raquel Salek Fiad

IEL - UNICAMP

1. A constituição do grupo de pesquisa

Um texto de Abaurre, *Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita*, apresentado como conferência durante o II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, realizado na PUCRS em 1991 e publicado em 1996, serviu de base para o estabelecimento de um programa de investigação baseado nos pressupostos do chamado Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1986). Nele era enfatizada a relevância, para os estudos da aquisição da escrita, dos dados singulares, episódicos e idiossincráticos, dados estes deixados como "resíduos" ou "exceções" em abordagens de cunho quantitativo cuja preocupação recai sobre regularidades e tendências gerais.

Em 1992, as autoras do presente texto propuseram ao CNPq um Projeto Integrado (PI) cujo título era *A relevância teórica dos dados singulares para a aquisição da linguagem escrita*, tema já implícito em nossos trabalhos individualmente realizados desde a segunda metade da década de 80, em que adotávamos uma perspectiva de "perplexidade" frente aos dados da escrita, muitas vezes idiossincráticos e misteriosos.

As produções escritas de crianças, adolescentes e adultos que vínhamos coletando em contextos e situações diferenciadas e sobre as quais vínhamos refletindo, foram, então, reunidas em um banco de dados, sediado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Nosso acervo

reúne dois *corpora* longitudinais de sujeitos de classe média, ambos do sexo feminino e filhas de professores universitários: o de M.L., estudado por Abaurre, que reúne a produção escrita da pré-escola até o final do segundo grau, incluindo sua redação de vestibular; e o de L.M., pesquisado por Mayrink-Sabinson, que inclui, além da produção escrita durante todo o primeiro e segundo graus, um diário produzido pela mãe, relatando os contatos de L.M. com a escrita, em ambiente doméstico, durante todo o período pré-escolar. Este diário se estende de um a sete anos. O banco de dados reúne, ainda, vários *corpora* tranversais, um conjunto bem amplo de textos escritos por crianças e adolescentes de escolas tanto públicas quanto particulares, de diferentes regiões do país, produzidos em diferentes momentos do processo de aquisição da escrita, que vínhamos, as pesquisadoras principais do projeto, coletando há anos.

Iniciamos nosso trabalho, na primeira etapa do PI (1992 a 1997), com base em um paradigma que nos forçava a olhar para o individual, para as escritas idiossincráticas, para as mais diferentes instâncias de manifestação de marcas de subjetividade.

2. A história do(s) Projeto(s) Integrado(s)

Durante a primeira fase do PI, nossa preocupação centrou-se na discussão da viabilidade mesma de se utilizar uma metodologia indiciária nos estudos da aquisição da linguagem escrita. Preocupamo-nos, principalmente, em estabelecer o que entendíamos como "dados singulares" (já que, num sentido trivial, todo dado seria singular), buscando explicitar critérios de identificação e seleção dos dados a serem tomados como representativos do que se considera "singularidade reveladora" e em discutir a questão do "rigor" metodológico, necessariamente diferente, no âmbito de um paradigma indiciário, do "rigor" entendido no sentido galileano, em paradigmas de investigação centrados nos procedimentos experimentais, na replicabilidade e na quantificação dos resultados.

De fato, em decorrência da opção metodológica por uma investigação de cunho eminentemente qualitativo, nosso trabalho com o material do banco de dados do PI esteve sempre voltado para a identificação de eventos singulares de escrita que pudessem ser tomados como marcas, como indícios

da complexa relação entre o sujeito e a linguagem. Vale lembrar que o nosso objetivo principal era, em trabalhos anteriores, o de realizar uma discussão sobre dados e métodos nas pesquisas em aquisição da linguagem, mais particularmente em aquisição da escrita, com o intuito de argumentar a favor da adoção de uma metodologia qualitativa como opção mais interessante, do ponto de vista explicativo, às metodologias tradicionais, de inspiração psicológica, fundadas na quantificação, na experimentação e na replicação de resultados. Ao sujeito virtual da psicologia queríamos contrapor os sujeitos reais, as suas histórias particulares e únicas de envolvimento com a linguagem. O paradigma indiciário de investigação, baseado em procedimentos abdutivos e fundado no detalhe, no indício, no aparentemente residual, forneceu-nos o quadro ideal para o desenvolvimento de trabalhos a partir dos quais começamos a identificar os contornos de micro-histórias de aquisição da escrita. A conclusão a que chegamos no final da primeira etapa de investigação foi, portanto, a de que o paradigma escolhido se havia mostrado adequado e produtivo com relação às questões do PI e dos nossos projetos individuais, uma vez que não priorizávamos a identificação de tendências gerais, mas sim a caracterização de histórias particulares de aquisição. Várias publicações resultaram desta fase do projeto, algumas delas reunidas no livro *Cenas de aquisição da escrita* (1997).

Foi justamente pelo fato de trabalharmos com base em um paradigma que nos forçava a olhar para o individual, para as escritas idiossincráticas, para as mais diferentes instâncias de manifestação de marcas de subjetividade, que um novo e original tema de investigação em aquisição da escrita foi configurando-se a partir de nossas discussões e análises dos dados: a questão da emergência do estilo no processo de aquisição da linguagem.

Isto nos levou naturalmente a investigar, na segunda etapa do projeto, o processo através do qual se vai constituindo um estilo ao longo de histórias individuais de aquisição da escrita (1997 – 1999, *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo*).

Encerrada esta fase do projeto em que tivemos a oportunidade de explorar conjuntos de dados dos *corpora* com o objetivo explícito de identificar o que

se poderia tomar como marcas de um estilo em construção, verificou-se não só que a questão da emergência do estilo se mostrou um tema viável de ser explorado – desde que se defina estilo a partir de critérios não exclusivamente estético-literários; verificou-se, também, que essa é uma questão extremamente produtiva e instigante, pelos vínculos que naturalmente existem entre estilo, subjetividade e autoria, questões que não podem deixar de ser estudadas com referência à aquisição da escrita e à produção de textos. Assim, o projeto iniciado em 1999, *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo: relação entre estilos dos gêneros e estilos individuais* dá continuidade ao tema anterior, mas apresenta um recorte particular, enfatizando a relação entre gênero discursivo e estilo individual a partir da análise de *corpora* específicos.

Essa relação foi-se tornando uma questão central no Projeto Integrado, em parte devido às características dos próprios *corpora* analisados – dado que eles se foram constituindo de tal forma que passaram a conter uma amostragem significativa das incursões dos sujeitos, através de suas escritas em construção, em vários gêneros, eles próprios em construção – e em parte ao fato de que pensar a questão do estilo implica necessariamente refletir sobre a questão da diferenciação estilística própria aos gêneros discursivos (Bakhtin, 1992).

Assim, se se pode afirmar que o que nos ocupou durante a primeira fase de nossas investigações sobre a emergência do estilo foi a justificativa mesma, a partir dos dados analisados, da escolha desse tema, nossas investigações atuais centram-se na análise da relação entre a emergência dos estilos individuais e os estilos dos gêneros em si. Tomamos, portanto, como pressuposto, que os próprios gêneros com os quais os sujeitos estão entrando em contato em vários contextos ao longo do seu processo de aquisição da escrita constituem lugares de manifestação estilística dos autores dos textos. É no interior dos gêneros, pois, e em vínculo estreito com seus estilos próprios, que estamos buscando as marcas da emergência dos estilos individuais.

3. O Paradigma Indiciário

A metodologia que vem sendo adotada, ancorada no paradigma indiciário de investigação em Ciências Humanas explicitado por Ginzburg (1986), tem-se revelado produtiva para a discussão

de questões associadas a discurso, subjetividade e alteridade.

Além de focalizar um aspecto, em aquisição da linguagem, sobre o qual inexiste conhecimento prévio, a questão de investigação do presente projeto – a emergência do estilo em sua relação com os gêneros discursivos – define necessariamente sujeitos reais e comporta-mentos singulares como lugar privilegiado de reflexão. O paradigma indiciário, por sua natural relação com a modalidade abdutiva de inferência (Peirce, 1990), oferece-se como o quadro epistemológico mais adequado para esse tipo de investigação, pelos motivos expostos a seguir.

Conforme definido em Abaurre et alii (1995a e 1997), é um modelo epistemológico fundado no detalhe, no "resíduo", no episódico, no singular, a partir do pressuposto de que, se identificados a partir de princípios metodológicos previamente definidos, os dados singulares podem ser altamente reveladores daquilo que se busca conhecer.

Com relação à abdução, trata-se, segundo o filósofo inglês C. S. Peirce, de uma modalidade de inferência que consiste na busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais, de indícios, de signos. Cf., a propósito, Chaui (1994):

> *(...) além da dedução e da indução, a razão discursiva ou raciocínio também se realiza numa terceira modalidade de inferência, (...) a abdução.*
>
> *A abdução é uma espécie de intuição, mas que não se dá de uma só vez, indo passo a passo para chegar a uma conclusão. A abdução é a busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais, de indícios, de signos. O exemplo mais simples (...) para explicar o que seja a abdução são os contos policiais, o modo como os detetives vão coletando indícios e sinais e formando uma teoria para o caso que investigam.*
>
> *(...) a abdução é a forma que a razão possui quando inicia o estudo de um novo campo científico que ainda não havia sido abordado. Ela se aproxima da intuição do artista e da adivinhação do detetive, que, antes de iniciarem seus trabalhos, só contam com alguns sinais que indicam pistas a seguir. Os historiadores costumam usar a abdução.*

> *De modo geral, diz-se que a indução e a abdução são procedimentos racionais que empregamos para a aquisição de conhecimentos, enquanto a dedução é o procedimento racional que empregamos para verificar ou comprovar a verdade de um conhecimento já adquirido (p. 68).*

Optamos, portanto, por esse paradigma e por procedimentos abdutivos de investigação, por havermos identificado algumas questões com relação às quais não existem, ainda, hipóteses explicativas previamente elaboradas, a serem confirmadas ou infirmadas. Trata-se, sim, de elaborá-las a partir dos indícios, das marcas, dos sinais presentes nas próprias escritas dos sujeitos. Há que proceder, então, como detetives.

4. As Concepções de Linguagem, Estilo e Gênero do Discurso

Assumimos uma concepção sócio-histórica de linguagem, vista como lugar de interação humana, de interlocução. Tomada como atividade, como trabalho, a linguagem, ao mesmo tempo que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade, é também constantemente modificada pelo sujeito, que sobre ela atua. Com base em Franchi (1987), assumimos que:

> *A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos.*
>
> *Assumimos também que é*
>
> *na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria [do] sistema lingüístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores (p. 12).*

Esta concepção de linguagem permite-nos não só visualizar uma relação dinâmica e constitutiva entre o sujeito e a linguagem; dela decorre, muito naturalmente, uma concepção de estilo como escolha e como marca de trabalho do sujeito na linguagem, conforme proposto em Possenti (1988) (inspirado em Granger [1968]):

> *Penso que por imposição dos meus pressupostos deverá ser esse traço – a escolha como fruto do trabalho – a opção que devo tomar para a configuração do estilo. Minha hipótese básica é que, se é verdade que há escolha e que esta escolha representa também o trabalho do "usuário" da linguagem onde a estrutura mais parece necessária (parecer necessária é conseqüência, em geral, do olhar ingênuo do leigo),* ***a fortiori*** *há escolha para trabalhar com um sistema de estruturação da realidade que não é estruturado, no sentido técnico, como é a língua natural (p. 157).*

Das reflexões sobre estilo ocupam-se tradicionalmente os teóricos da literatura e os críticos literários, e a questão é freqüentemente abordada sob uma ótica psicologizante (Spitzer, 1948). Todavia, dada a concepção de linguagem que assumimos no PI, nossas questões sobre estilo não são as mesmas que interessam aos estudos literários, e a ótica que assumimos para a discussão de fatos estilísticos não é a psicologizante.

A concepção de estilo como escolha e como marca de trabalho com a linguagem pode perfeitamente ser assumida, portanto, em trabalhos sobre aquisição da linguagem nos quais se busca flagrar a emergência dos traços individuais associados à atividade de escrita, ou seja, o processo mesmo da construção de um estilo.

Esta é, portanto, a concepção de estilo com a qual operamos, porque coaduna-se com a concepção de linguagem assumida e porque é aplicável aos sujeitos da pesquisa, que não são, certamente, escritores famosos, mas simples "usuários" da linguagem em processo de aquisição da escrita.

Convidado para debater os trabalhos apresentados pelas pesquisadoras do PI *A relevância dos dados singulares na aquisição da linguagem escrita* durante o Grupo de Trabalho *O papel do individual na construção da sistematicidade: reflexões sobre a aquisição da representação escrita da linguagem* (XL Seminário do GEL, 1992), Possenti defendeu o ponto de vista segundo o qual, dada a concepção de estilo como marca de trabalho, é possível de fato tomar alguns indícios encontrados na escrita inicial como reveladores de um estilo em construção, em contextos em que o sujeito começa já a fazer determinadas escolhas que por vezes consolidam-se como preferências, ainda que temporárias, em termos de estruturas, de léxico ou mesmo em

termos da maneira pela qual trabalha os temas de suas escritas. Em trabalho que resume as observações feitas a propósito dos dados apresentados nesse Grupo de Trabalho, Possenti (1993) chama a atenção para

> *uma característica das línguas, a mais importante delas. Antes de serem sistemas, estruturas, etc., as línguas são atividades e, para os falantes, falar é antes de tudo trabalhar, agir com a língua(gem). Nesta perspectiva, há estilo se e quando há marca de trabalho. É secundário avaliar se a marca do trabalho lingüístico reflete uma atividade consciente ou inconsciente, se um recurso de expressão foi empregado calculadamente, para a obtenção de um efeito específico, ou se isso se deu inconscientemente. O que importa é que haja um trabalho da (e sobre) a língua (p.203).*

Quando encaminhamos ao CNPq o projeto no qual se definiu a questão da emergência do estilo como o eixo que conduziria os trabalhos das pesquisadoras, tínhamos, dentre outras, algumas indagações para as quais seria necessário encontrar boas respostas que justificassem a própria escolha do tema central. Tais questões eram, basicamente: Por que estudar a emergência do estilo na escrita infantil e suas manifestações na escrita adolescente? Qual a justificativa para a escolha mesma deste tema de investigação? Na ocasião, a questão se havia definido naturalmente como de interesse para todas as pesquisadoras do projeto, que, pela opção já feita de focalizar os dados singulares, vinham, havia algum tempo, observando que certos sujeitos parecem definir preferências em seu trabalho com a linguagem. Assim, a par de escolhas por vezes totalmente idiossincráticas e únicas, que provavelmente jamais se repetirão, os sujeitos dão por vezes indicações de que estão investindo em determinados aspectos, buscando já, a partir de certos tipos de escolhas, provocar algum efeito de sentido em seus interlocutores.

Há, portanto, que se levar em conta, além da emergência do que se pode tomar como estilo em termos de marcas de autoria a partir de escolhas preferenciais de um sujeito, a questão mesma do estilo que se pode tomar como característico de um gênero porque o singulariza e diferencia com relação aos demais.

A teoria em que nos apoiamos para fazer a reflexão sobre gêneros é a de Bakhtin (1992), que defende a idéia de que, sempre que utilizamos a linguagem,

fazemo-lo através de gêneros do discurso. Ao discutir as relações entre os enunciados e os gêneros do discurso, Bakhtin salienta, de um lado, a individualidade do enunciado (visto como o lugar onde a língua se realiza) e, por outro, a variedade dos gêneros do discurso, que se relacionam às diferentes esferas das atividades humanas. O estilo está ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso pois, por um lado, o enunciado é individual, isto é, possui um estilo individual, mas, por outro, nem todos os gêneros do discurso favorecem essa manifestação do individual nos enunciados. O estilo, entendido como a seleção dos recursos lingüísticos feita a partir das possibilidades oferecidas pela língua, não pode, portanto, ser estudado independentemente do gênero do discurso. Finalmente, tanto a escolha dos gêneros como a escolha do estilo do enunciado (ou seja, dos recursos lingüísticos) são decorrência da assunção de que cada enunciado tem autor e destinatário.

5. Uma amostra de análise

Buscando ilustrar as análises que fazemos dos dados, apresentamos, a seguir, um exemplo de análise realizado no projeto *A emergência do estilo: as marcas da construção de autoria em textos representativos da aquisição da linguagem de um mesmo sujeito, da pré-escola à oitava série do primeiro grau*, conduzido por Mayrink-Sabinson no âmbito do PI *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo.*

Examinando um dos *corpora* longitudinais disponíveis no banco de dados do PI, o de L.M., buscou-se detectar marcas/indícios de individualidade/subjetividade e verificar se tendências específicas, na escolha de recursos expressivos para produzir determinado efeito de sentido, se faziam notar. Partiu-se, nessa tarefa, de uma observação já discutida em Mayrink-Sabinson (1993) — a de que os textos iniciais de L.M. causavam um efeito de humor. Naquele trabalho, examinando textos produzidos nas quatro primeiras séries escolares, foi apontado o humor como característica desses textos - um humor obtido como resultado de um trabalho de linguagem com rimas, ritmo, aliterações, repetições, escolha lexical e de temas "engraçados" que, nas produções escritas iniciais (principalmente nas duas primeiras séries escolares) parecia ser construído via a criação de *nonsense*. Comentou-se, também, que, nesse período inicial de aquisição da escrita, L.M. escolhia

freqüentemente falar sobre temas ligados ao "cotidiano", relatando fatos inusitados (e, prova-velmente por isto, considerados "engraçados") de sua vida. Procurou-se, assim, encontrar *indícios*, nos textos produzidos nas oito séries do ensino fundamental, desta tendência.

A análise deste conjunto maior de textos de L.M. vem mostrando que a tendência de construir textos bem humorados se mantém, manifestando-se, também, na utilização de outros recursos, quer isoladamente, quer combinados, tais como:

a) utilização de nomes próprios, inusitados e estranhos, para personagens (como *Balão Botão, D.Catismunda, Borrachudo, Teote, Cara de Panela, pajé Rira, Agrião e Agiriri, Genebaldo e Juréia*);

b) utilização de características estranhas/ridículas na descrição/construção desses personagens (*Borrachudo* adora ficar sujo e detesta tomar banho, ele passa as férias em *um chiqueiro* e acaba fugindo de casa para morar *numa lata de lixo*; *Marta* é apresentada como *uma velha careca cabeluda de ocolos vistido largo e tamaco;* Dona *Catismunda* é descrita como *uma velhinha bem velhina*, falante de uma variedade linguística que L.M. tenta representar, na sua escrita, usando parênteses e uma letra *r*: *Licensa, o que uma garotinha de alta sociedade está (fazrendo) (nersta) (cirdadezinha)?*;

c) criação, a partir da utilização de recursos como os listados acima, de enredos/situações narradas inusitadas e engraçadas (uma menina cresce *ate furar o teto* ao passar um perfume, presente da aniversário da mãe; um freguês esquecido mantém diálogo com o garçom que tenta adivinhar o prato que ele deseja pedir; um caminhante noturno, após se assustar ao ser abordado pela estátua de Carlos Gomes, mantém com ela um diálogo amigável e bastante comum).

Chama a atenção, por exemplo, que uma das poucas ocasiões em que L.M. se utiliza de nomes próprios usuais para os personagens (*Vanessa, Rafaela, Alessandra*) seja em um texto cujo efeito de humor é causado basicamente por sua própria estrutura circular. L.M. conta uma história, dentro de uma história, dentro de uma história, ecoando um dos livros que mais apreciava (*A coruja curiosa*) e, dessa circularidade, surge o inesperado e a graça:

Era uma vez uma história

Um dia uma menina chamada Vanesa quebrou o pé, emtão ela não podia ir na escola. Emtão comesou uma estoria

A estoria era assim:

Era uma vez uma menina que se chamava Rafaela. Essa menina, um dia, estava brincamdo e quebrou a perna.

Como ela quebrou a perna e não podia ir a escola então comesou a escrever uma estoria.

Um dia uma menina chamada Alesandra estava brimcamdo quebrou o braço e não pode escrever estorias.

Trata-se de um dado singular, já que em nenhum outro texto L.M. volta a se utilizar desta circularidade. L.M. constrói o humor do texto via "repetição", desta vez a "repetição" da própria estrutura narrativa. Rimas, aliterações, ritmo, o próprio uso reiterado de uma mesma expressão seriam, num sentido, igualmente baseados em "repetição" (de sons/letras, de sílabas, de acento, de palavras).

6. Considerações Finais

Todas as discussões teórico-metodológicas bem como as análises efetuadas no âmbito dos PI têm permitido que o grupo de pesquisadores neles envolvido, desenvolva um trabalho voltado para:

- A capacitação de novos pesquisadores nos níveis de Iniciação Científica, Aperfeiçoamento, Mestrado e Doutorado. Todos os PI desenvolvidos a partir de 1992 contaram com a colaboração de alunos de graduação e de pós-graduação, resultando em monografias, dissertações e teses, além das publicações de trabalhos das pesquisadoras responsáveis. Uma relação das teses, dissertações e relatórios de Iniciação Científica e Aperfeiçoamento consta de anexo;

- A divulgação dos resultados das pesquisas realizadas pelas pesquisadoras principais e alunos, através de participação em encontros científicos, de publicações e da organização e realização de seminários;

- O intercâmbio com professores e educadores em geral, de modo a contribuir, através da divulgação e da discussão dos dados e das análises realizadas, para uma reflexão sobre o papel do professor de língua materna na criação de um espaço propício à constituição da autoria e do estilo.

Têm sido uma preocupação do grupo os aspectos pedagógicos associados às questões discutidas nos PI. Lembramos que vários trabalhos voltados para o ensino de língua materna insistem no fato de que a instituição escolar, por não se sentir segura para trabalhar a partir dos textos produzidos pelas crianças (com suas soluções idiossincráticas, inadequações do ponto de vista da norma, hipóteses de escrita por vezes baseadas nas estruturas da oralidade e assim por diante), acaba por desenvolver práticas que levam a uma homogeneização dos textos, com o conseqüente apagamento das marcas que poderiam vir a definir os estilos individuais. Os resultados das investigações já desenvolvidas no interior destes PIs têm contribuído para a discussão sobre a necessidade – e sobre a possibilidade! – de a escola preservar o espaço da emergência de marcas de estilo nos textos de seus alunos.

Referências bibliográficas

ABAURE, M. B. M. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. Indícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. In: *Estudos Lingüísticos XXIII, Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: USP, v.1, p. 367-372, 1994.

_____. Explorando os limites da sistematicidade: indícios da emergência de traços estilísticos na escrita infantil. In: *Estudos Lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL*. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, v.1, p. 196-201. 1993.

_____; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. & GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Campinas: IEL/ UNICAMP, jan/jun (25): 5-23, 1995a

_____; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. & GERALDI, J. W. O caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição da escrita. *Estudos Lingüísticos XXIV, Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: US, p. 76-83, 1995b.

_____; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. & FIAD, R. S. A Relevância Teórica dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita. 1992. Mimeo.

_____; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T.. 1997.Cenas de Aquisição da Escrita. O sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, S.P.: ALB/Editora Mercado de Letras.

_____; MAYRINK-SABINSON, M. L. T.; FIAD, R. S.; BUIN, E., DOMENICA, J. S.; FERRARO, M. R.; FLORENZANO, V. R. & MATTOS, M. A. B. Subjetividade, alteridade: reflexos, nas primeiras escritas, da alternância de lugares discursivos. *Estudos Lingüísticos XXVI, Anais de Seminários do GEL*. 1997.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [ed. Francesa: 1974].

CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática. 1994.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Lingüística Aplicada.* Campinas: IEL/ UNICAMP, (9): 5-45, 1987.

_____. Linguagem: atividade constitutiva. In: *Almanaque.* São Paulo: Brasiliense, (5): 9-27, 1977.

GINZBURG, C. *Mitti emblemi spie: Morfologia e Storia.* Torino: Einaudi. Tradução brasileira: Mitos emblemas sinais: morfologia e história. Trad.: F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GRANGER, G. G. *Filosofia do Estilo.* São Paulo: Perspectiva/ USP. 1968. Trad. de Essai d'une philosophie du Style.

MAYRINK-SABINSON, M.L.T. Indícios de individualidade na escrita inicial da criança. In: *Estudos Linguísticos XXII. Anais de Seminários do GEL.* Ribeirão Preto. Instituição Moura Lacerda, p.188-195, 1993.

PEIRCE, A. S. *Semiótica.* São Paulo: Perspectiva, 1977.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade.* São Paulo: Martins Fontes. 1988.

_____. Estilo e aquisição da escrita. In: *Estudos Lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL.* Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, p. 202-204, 1993.

SPITZER, L. *Lingüística y história literária.* In: *Lingüística y Historia Literaria.* Madrid: Gredos, p. 7-53, 1974 [1948].

Anexo

Teses de Doutorado

Lúcia Kopschitz Xavier de Bastos. *Anotações sobre leitura e nonsense.* UNICAMP/IEL, 1996.

Lourenço Chacon Jurado Filho. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem.* UNICAMP/IEL. 1996.

Regina Maria de Souza. *Que palavra que te falta? O que o surdo e sua lingua(gem) de sinais têm a dizer à linguística e à educação.* UNICAMP/ IEL.1996.

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. *O modo heterogêneo de constituição da escrita.* UNICAMP/IEL. 1997.

Maria Lygia de Camargo Barros. *O processo de individuação na linguagem: caminhos e descaminhos.* UNICAMP/IEL. 1998.

Dissertações de Mestrado

Maria Evanilda Tomé. *O processo de interação entre os sujeitos na constituição da aquisição da linguagem escrita*. UNICAMP/IEL.1994.

Luciane Manera Magalhães. *O papel do adulto no processo de constituição da linguagem escrita pela criança*. UNICAMP/IEL.1994.

Suzana Lima Vargas. *A construção do discurso narrativo em contexto escolar*. UNICAMP/IEL.1994.

Sheila Vieira de Camargo Grillo. *Escrever se aprende reescrevendo: um estudo da interação professor-aluno na revisão de textos*. UNICAMP/IEL.1995.

Cecília Vaz Pupo de Mello. *Tipologias textuais: um estudo em escola de 1º grau (5ª a 8ª série) sobre formas de sua aquisição e de estratégias em seu uso*. UNICAMP/IEL. 1996.

Sueli Nunes Leite. *A reescrita e os indícios do desenvolvimento da escrita*. Universidade Federal de Alagoas. 1996.

Maria Aparecida Lopes. *Reflexões sobre o papel da escola na construção da dissertação: o caminho percorrido é pequeno*. UNICAMP/IEL.1996.

Silvane Aparecida de Freitas Martins. *Analisando a textualidade e a intertextualidade em produções de textos de alunos de terceiro grau*. UNICAMP/IEL. 1997.

José Geraldo Marques. *A intertextualidade na produção de textos de alunos do 2º grau*. UNICAMP/IEL. 1997.

Paulo Roberto Almeida. *O dialogismo e a constituição de sujeitos na construção de um "projeto de dizer" de alunos trabalhadores*. UNICAMP/IEL. 1998.

Cristiane Duarte. *Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário*. UNICAMP/IEL. 1998.

Ivani R. S. Mendes. *O uso de algumas categorias gramaticais na construção de narrativas pelo sujeito surdo*. UNICAMP/IEL. 1998.

Luciano Novaes Vidon. *Individualidade e escolarização: estilos em conflito. Análise de dados longitudinais*. UNICAMP/IEL.1999.

Sandoval Nonato Gomes Santos. *O gesto de recontar histórias: gêneros discursivos e produção escolar da escrita*. UNICAMP/IEL. 1999.

Mônica Filomena Caron. *As relações da escola com a sociedade nos processos de diagnosticar/avaliar.* UNICAMP/IEL.2000.

Monografias de Aperfeiçoamento e Iniciação científica

Katia Ferragutt. *A reelaboração da escrita de textos produzidos no segundo grau: análise de diferentes versões.* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1992 - 1995.

Silvia Mansano Mapelli. *A reelaboração de textos na escrita inicial.* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1992 - 1995.

Ana Cláudia Farinazzo Lorza. *A escrita e reescrita de textos por professores como indicadoras de operações e reflexões sobre a escrita.* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1992 - 1995.

Adriana Aparecida Quartarolla. *Uma reflexão acerca de um modelo epistemológico indiciário nos estudos lingüísticos: a questão dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita.* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1992 - 1995.

Edilaine Buin. *A reelaboração de textos na aquisição da linguagem escrita de um sujeito: uma análise longitudinal (primeira a quarta série do primeiro grau).* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1992 - 1995.

Edilaine Buin. *O diálogo entre a escrita escolar e a escrita produzida em ambiente doméstico.* (Projeto Integrado A *Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1995-1997.

Valéria Rodrigues Florenzano. *Um diferente enfoque da criatividade e sua relação com os dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita.* (Projeto Integrado *A Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1995-1997.

Marcela Roberta Ferraro. *As marcas singulares da escrita: eugar de ação do sujeito – salante de uma varie-*

dade dialetal – no Confronto com o ensino escolar, representante da língua culta. (Projeto Integrado *A Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1995-1997.

Janete Stella Domenica. *A Presença, nas Primeiras Produções Escritas, das Leituras Feitas pela e para a Criança.* (Projeto Integrado *A Relevância Teórica dos Dados Singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*). 1995-1997.

Marcelo da Rocha Barros Gonçalves. *Fazendo sentido no non-sense: e faz-se um sujeito e faz-se um estilo individual na aquisição da escrita.* (Projeto Integrado *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo).* 1997-1999.

Wladimir Stempniak Mesko. *As marcas do sujeito na construção de um estilo de narrar.* (Projeto Integrado *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo).* 1997-1999.

Anna Carla de Oliveira Dini. *Construção argumentativa em cartas produzidas por alunos de segundo grau..* (Projeto Integrado *Subjetividade, Alteridade e Construção do Estilo).* 1997-1999.